

# A CONSTRUÇÃO DA AUTO-REPRESENTAÇÃO MENTAL DOS INDIVÍDUOS PRIVADOS DE VISÃO, SUAS ALTERNATIVAS SENSORIAIS E EXPERIÊNCIAS ONÍRICA

*Valéria Maria Neto Crespo de O. Lima*

Mestre em Cognição e Linguagem – UENF/RJ

Especialista em Psicopedagogia, Educação Infantil – FAFIC/RJ

Planejamento Educacional, Currículo e Prática Educativa – PUC/RJ.

Professora de Ensino Superior do Curso de Pedagogia – ISECENSA

Coordenadora e Professora do Curso Superior de Formação de Professores do ISEPAM/ FAETEC.

## RESUMO

*A construção da auto-representação mental dos indivíduos privados de visão, suas alternativas sensoriais e experiências onírica.* A condição de se auto-representar mentalmente é uma característica exclusivamente humana que pressupõe o funcionamento adequado de inúmeros sistemas neuropsicológicos. O significativo lingüístico da auto-representação é o conceito de Eu. Personificando a individualidade física e mental do ser humano, o Eu é um conceito ambivalente. Por um lado estrutura-se na variância modal das experiências sensoriais e emocionais experimentadas pelo sujeito ao qual se vincula, por outro, permanece fiel à memória espaço-temporal da sua história. No dizer de ORTEGA Y GASSET: (1973) "Um eu e sua circunstância". Considerando-se que em seres humanos sensorialmente íntegros esta circunstância ou contexto espaço-temporal possui um caráter predominantemente visual segundo BRUNER (1997), esta pesquisa se propôs averiguar quais as alternativas sensoriais utilizadas pelos cegos na construção de um conceito de um Eu, ou seja, como a auto-representação se constrói a partir da experiência sensível nas modalidades tátil e auditiva, e nas experiências oníricas, serão encontrados elementos altamente significativos na construção e reconhecimento de um Eu pelos indivíduos privados de visão.

**Palavras chave:** Auto-representação, privação visual, alternativas sensoriais, experiências oníricas.

## ABSTRACT

The condition of mental self-representation is an exclusive human characteristic that requires various neuropsychological systems. The Linguistic signifier of self-representation is the concept of the self. Personifying the physical and mental individuality of the human being, the self is an ambivalent concept. On the one hand, it is made up of modal variation of sensorial and emotional experiences taken by the subject to which it is linked; on the other hand, it is tied to the memory of space and time of its history. As ORTEGA Y GASSET (1973) says: "The self and its circumstances". Considering that fully sensorial human beings experiment this circumstance in a context of space and time under a visual preponderant aspect, according to BRUNER(1997), this study aims at checking the sensorial alternatives used by the blind people in the building of their conception of the self, in other words, how the self-representation of the concept of the Iself is built based on a sensorial experience. Touching and listening experiences, as well as omniric ones. Will provide highly meaningful basis for the construction and recognition of the Iself by the visually impaired.

**Keywords:** Self-representation, blind people, sensorial alternatives, omniric experiences.

## INTRODUÇÃO

Há muito se tenta definir o homem como animal questionador, um animal racional cuja capacidade interrogativa dirige-se ao mundo circundante e a si mesmo. A forma como o indivíduo privado de visão vive essa realidade pessoal e externa é o que o constitui em essência.

A construção do conceito de si mesmo e do mundo, a partir de um conjunto de impressões sensoriais, sem a colaboração da visão, não é uma tarefa fácil, mas um exercício cotidiano.

Sacks (1995) em seu livro *Um antropólogo em Marte* no capítulo intitulado *Ver e não ver*, apresenta a fascinante história de Virgil, um homem que tendo perdido a visão por volta dos 4 anos de idade, a recupera *milagrosamente* aos cinquenta anos. Sufocado pela imensa dificuldade de adaptar-se à recuperação do sentido anteriormente perdido: a visão, enfrenta imensa dificuldade em recriar o seu mundo visual. Durante quase cinquenta anos, o mundo tátil havia sido seu mundo íntimo e verdadeiro. Desprender-se desse alicerce tátil foi muito mais difícil do que se poderia imaginar. Readquirir o sentido visual, *voltar a ver* não é tão fácil e mágico como a literatura muitas vezes descreve. As informações sensoriais captadas pelo organismo estão intimamente ligadas às funções cerebrais. A partir do momento em que uma mudança ou alteração ocorre, novas informações são repassadas ao sistema neural exigindo um processo de readaptação.

A capacidade visual desempenha um papel fundamental na função de síntese e na formação de imagens mentais. Segundo estatística apresentada na Revista Benjamin Constant n.5 (1996), 80% das informações recebidas do meio ambiente são visuais, a visão seria o sentido integrador da forma com os conceitos, da imagem com a auto-imagem (perfil psicológico de si). Porém, quando não se dispõe desse sentido, a construção do si mesmo ou auto-representação e as representações em geral se dão através da interação dos demais sentidos: auditivo, olfativo, gustativo, tátil.

A possibilidade de imitar o comportamento alheio através da observação visual é algo que o indivíduo cego não possui. O olho é instrumento básico da imitação e imitar é atividade fundamental na primeira infância. Entretanto, os indivíduos sem visão estruturam suas representações mentais através de outros recursos. Sacks (1995) declara que:

Um adulto que recobra a visão, em contrapartida tem que fazer uma mudança radical de um modo seqüencial para outro visual/espacial e essa mudança desafia a experiência de toda uma vida [...] Tais conflitos são erguidos no âmago do próprio sistema nervoso, uma vez que o adulto cego de infância que passou a vida adaptando e especializando seu cérebro, tem que pedir a este que inverta tudo agora (1995: 154).

Sacks (id.) justifica as hipóteses apresentadas neste projeto quando afirma,

Embora a cegueira possa a princípio ser uma terrível perda e privação. Isso pode atenuar-se com o passar do tempo, já que se dá uma profunda adaptação ou reorientação, pela qual o cego reconstitui e se reapropria do mundo em termos não visuais. Ela se torna então um estado diferente, uma forma diferente de ser, com suas próprias sensibilidades, coerências e sentimentos. (1995: 154-155).

Compreende-se então que é possível aos privados de visão construir conceitos e idéias sobre si e sobre o mundo. Muitas outras conjunções perceptivas serão integradas nas representações do cego, não objetivando a boa forma, mas uma melhor representação de si ou do mundo.

Indivíduos cegos têm "75% das captações sensoriais transmitidas ao cérebro por via auditiva (Oliveira, 2002: 143). Este percentual estatístico é de enorme significância considerando que, como se apresentou anteriormente, para os videntes pelo menos 80% dessas impressões são enviadas ao cérebro através da visão. Estas estatísticas ratificam o papel da visão e da audição como sentidos nobres e primordiais para o homem. Essa supremacia fisiológica exercida pelos olhos e ouvidos como sentidos superiores os tornam veículos sensórios valiosíssimos para a vida do homem.

O texto de Sacks (1995), citado abaixo, resume bem a influência dos diferentes sistemas sensoriais na estruturação da personalidade e do conceito de Eu. O personagem Virgil, por ele apresentado, recobra a visão depois de ter estruturado a própria personalidade em cima de experiências táteis e auditivas,

[...] possuindo de nascença a totalidade dos sentidos e fazendo as correlações entre eles, um com o outro, criamos um mundo visível de início, um mundo de objetos, conceitos e sentidos visuais. Quando abrimos nossos olhos todas as manhãs, damos de cara com um mundo que passamos a vida aprendendo a ver. O mundo não nos é dado. Construimos nosso mundo através da experiência, classificação, memória e reconhecimentos incessantes [...] quando Virgil abriu os olhos [...] não havia memórias visuais em que apoiar a percepção, não havia mundo algum de experiência e sentido esperando-o... Sua retina e nervo óptico estavam ativos, transmitindo impulsos mas seu cérebro não conseguia lhes dar sentido, estava, como dizem os neurologistas, agnóstico. (1995: 120).

Oliveira (2002) também apresenta uma afirmação de Aristóteles que diz: "Nada existe no intelecto sem que tenha estado antes nos sentidos". É o cérebro que dá estruturação cognitiva aos sentidos. Dada a sua complexidade o cérebro possui um sistema altamente sofisticado que permite tanto aos videntes quanto aos não-videntes integrar os estímulos sensoriais captados numa atividade regular.

Helen Keller (apud Mecacci, 1987: 114) relata como conquistou o significado de suas primeiras experiências simbólicas do mundo circundante a partir de um código lingüístico tátil. As experiências táteis e o desejo de aprender impulsionavam Helen Keller a novas estruturas de pensamentos que lhe possibilitavam conhecer, compreender e organizar suas vivências.

Para Sacks,

Não se vê, sente ou percebe em isolamento, a percepção está sempre ligada ao comportamento e ao movimento, à busca e à exploração do mundo [...] embora tenhamos falado no caso de Virgil, sobre uma incapacidade perceptiva, ou agnosia, havia igualmente uma incapacidade ou impulso para olhar, para agir com a visão, uma ausência de comportamento visual. (1995: 132).

Ao entrevistar crianças e adultos cegos do Educandário São José Operário – Campos dos Goytacazes/RJ, percebeu-se que, em geral, não sabem como usar seus olhos, movimentando-os assincronicamente e movimentando a cabeça de forma variada. Evidenciou-se o quanto é difícil para esta população não-vidente, construir um acervo imagético com representações de percepções simultâneas, principalmente dos objetos táteis com os demais sentidos em uso. Sendo o tato um sentido de caráter singular e seqüencial, ele apresenta o mundo como uma realidade partida. O mundo dos privados de visão é pleno de presenças seguidas de ausências, seguidas de presenças uma vez que a qualidade espacial é ou torna-se muito mais incompreensível do que a qualidade temporal.

Sabe-se que o homem, que nasceu cego ou que adquiriu cegueira nos primeiros anos de vida, até seis anos, não dispõe das imagens visuais na memória (Oliveira, 2002).

É bom lembrar que as imagens das coisas percebidas podem ser de caráter visual, auditivo, tátil, etc... Todos os nossos sentidos imprimem imagens em nossa *alma* como na estátua de Condillac (1754-1993) que, estando aprisionada dentro de um bloco de pedra, à medida que se ia quebrando uma parte do bloco, ela se dotava de um sentido. Enquanto ela experimentava um determinado sentido suas reações e funções estavam limitadas às sensações do sentido envolvido. A estátua só conquista capacidade cognitiva mais global quando todos os sentidos tornaram-se atuantes permitindo uma leitura sensorial e cognitiva do mundo de forma mais ampla e integrada.

O questionamento de caráter filosófico a respeito da integração corpo-mente é muito antigo. Santo Agostinho (Devera Religione, X, 8, apud Oliveira, 2002: 156) refere-se a este questionamento da seguinte forma:

As imagens originam-se das coisas corpóreas e são recebidas através das sensações. Estas, uma vez que as recebemos, podem ser lembradas com grande facilidade, distinguidas, multiplicadas, reduzidas, estendidas, ordenadas, resolvidas e recompostas da maneira que mais agrada ao pensamento.

Na atualidade, o neuropsicólogo português Damásio(1996) afirma que:

Os cérebros só possuem mente quando são capazes de exibir imagens internamente e de ordenar essas imagens num processo chamado pensamento. (1996: 115-116).

Porém, as imagens a que se refere não são e nem precisam ser necessariamente visuais, podem ser tanto sonoras, quanto olfativas ou táteis. Para Damásio (id.):

O organismo, por sua vez atua no ambiente por meio de movimentos resultantes de todo o corpo, dos membros e do aparelho vocal [...] Existem assim setores cerebrais onde chegam sem cessar sinais vindos do corpo propriamente dito ou dos órgãos sensoriais do corpo. (1996: 117).

Assim os indivíduos cegos se utilizam não só das modalidades sensoriais como também das motoras na construção do conceito de um Eu. Como explicita Damásio (1996:120): "*Esse 'órgão' de informação e regência, esse grande conjunto de sistemas, detém tanto o conhecimento inato como o adquirido pelo corpo propriamente dito...*".

A unidade do funcionamento cerebral é reiterada por Damásio (id.) na seguinte afirmação: "*As múltiplas linhas de processamento sensorial vivenciadas na mente - imagens e sons, sabor e aroma, textura superficial e forma - ocorrem todas numa única estrutura cerebral*" (1996: 121).

Levando-se em conta que toda integração sensorial e possibilidades representacionais do homem envolvem questões relacionadas aos conceitos de espaço e de tempo, faz-se necessário analisar como estes conceitos seriam tratados no comportamento físico e psíquico do homem cego. O espaço caracteriza o fenômeno da localização, o lugar em que algo está. O tempo refere-se às adaptações ou transformações a que os organismos vivos estão sujeitos.

Enquanto as sensações e as ações são funções características do tempo presente, a memória daquelas sensações e ações dão origem a tempos passados e futuros. Entretanto a análise de cada um dos sentidos mnêmicos que lhe são peculiares, por exemplo a audição prioriza a percepção do tempo, entidade construtora da interioridade, a visão prioriza a percepção do espaço, entidade construtora do mundo externo.

O indivíduo cego ao priorizar a audição desenvolve seu mundo interno muito mais do que os indivíduos privados de audição, os quais permanecem prisioneiros de um mundo externo, muitas vezes, opressor.

As vozes acompanhadas por sensações de prazer ou desprazer serão, grandes aliadas e guias para os cegos. O aspecto sonoro manifestado durante o estado de sono paradoxal será preponderante. Nesse sentido, o sonho dos cegos, suas experiências oníricas são um relevante campo de análise.

## SONHO E CEGUEIRA

Ao longo do tempo, os homens têm procurado entender, compreender e atribuir significados a este fenômeno tão intrigante, misterioso e fascinante que são os sonhos.

Estudado desde os povos antigos até a atualidade, os sonhos têm sido objeto dos mais diferentes tipos de pesquisa e especulação. Curiosidades sobre a vida onírica sempre estiveram presentes nos mais diferentes segmentos culturais. No ser humano, as representações mentais de origem visual têm uma origem precoce.

Sabe-se que ainda durante a *vida intra-uterina movimentos oculares rápidos* ou movimentos REM são observáveis em fetos humanos. São estes movimentos que mais tarde caracterizarão o *estado de sonho* dos indivíduos adultos.

Este tipo de mobilidade ocular que acompanha os sonhos foi descrita por Aserinsky e Kleitman (1953). Inúmeros experimentos comprovam que sempre que sujeitos adormecidos são acordados durante a movimentação ocular rápida ou REM, referem-se a um conteúdo imagético geralmente visual.

Por outro lado, sempre que são acordados nos intervalos daquela movimentação ocular, a referência às imagens visuais é nenhuma ou praticamente nula. Em decorrência de tais observações, inúmeros pesquisadores, entre eles; Dement (1955) e Juvet (1960) tentaram relacionar os movimentos oculares REM às representações visuais que ocorrem durante o estado de sono.

Em outro estudo Dement e Wolpert (1958) observaram que em sonhos ditos ativos, nos quais o sujeito se vê ou se experimenta em ação como correndo, brigando, pulando, etc, os movimentos oculares REM estão intensificados, enquanto que, em sonhos mais contemplativos nos quais as ações dos sujeitos eram mais amenas como por exemplo lendo ou assistindo TV, os movimentos oculares REM estavam diminuídos. Estes pesquisadores concluíram então, pela existência de uma correspondência biunívoca entre os movimentos oculares e a qualidade das cenas oníricas.

O sonho caracteriza-se pelos movimentos REM, como também por uma intensa atividade cerebral compatível com o estado de vigília e uma hipotonia corporal.

Numa só noite podem ocorrer vários episódios oníricos com a presença de conflituosas e vívidas imagens multimodais sensoriais, como se fossem acontecimentos reais. Dement (apud Caillois e Grunenbaum (1978) esclarece que embora as representações oníricas ocorram durante o sono REM, existe uma corrente de pesquisadores; entre eles Rechtschaffen, Verdore e Wheaton (apud Dement, 1978), que acreditam poder existir uma produção representacional onírica durante o sono REM. Com isso eles querem dizer que os relatos representacionais dos estágios não REM são mais breves ou envolvem imagens vagas, estáticas ou fragmentárias. Assim os relatos não-REM são muitas vezes entendidos como "artefatos do despertar, fenômenos de condescendência ou atividade mental desprovida de uma dimensão corporal" Rechtschaffen, Verdore e Wheaton (id.). Segundo estes autores, indivíduos cegos congênitos não apresentam movimentos oculares rápidos durante o sono, embora imagens oníricas constituídas por outras e modalidades sensoriais apareçam durante este período.

O estado de sono inibe a sensibilidade externa (periférica), porém o fato de os órgãos sensoriais estarem amortecidos não impedem que memórias de impressões sensíveis com as mesmas características que ter-se-iam em estado de vigília se manifestem. Nesta ocasião outros sentidos estariam atuantes e mesmo os indivíduos privados de visão poderiam sentir e perceber sons, aromas, toques, gostos, etc...

Para Dement (apud Caillois e Grunenbaum, 1978) as representações mentais, elaboradas a partir de traços de memória deixados no interior do sistema nervoso central e dirigidos para áreas percepto-motoras substituiriam então a estimulação retiniana exterior em algum ponto do processo normal do estímulo-resposta. Esses padrões mnemônicos ajudariam a formação de imagens topográficas que movimentariam o globo ocular. No caso da privação visual onde a estimulação retiniana estaria comprometida pela impossibilidade de receber estímulos visuais e conseqüentemente impossibilitada de formar imagens mentais mnemônicas visuais, a movimentação ocular durante o período REM estaria ausente.

Segundo Jouvét (1977), neurologista francês, estudioso dos processos oníricos, as "estimulações endógenas que invadem o sistema visual (núcleo geniculado lateral e córtex occipital) durante o sono paradoxal a partir do décimo quinto dia após o nascimento, não são suficientes para manter em funcionamento normal a visão pós-natal. O sistema visual necessita, com efeito, de estimulações luminosas para funcionar" (p.157).

Experimentos com gatinhos que tiveram suas pálpebras costuradas no momento do nascimento (id.) evidenciam a "diminuição das espinhas dendríticas de certas camadas corticais e uma alteração definitiva e irreversível das respostas elétricas do córtex occipital", isto é, um empobrecimento da região cortical responsável pelas sensações e percepções visuais. Para Jouvét (id.) "o papel estimulatório do sono paradoxal, ou sonho, não é suficiente para manter o funcionamento de certos sistemas", uma vez que os gatinhos que tiveram os olhos reabertos, após um determinado período crítico não recuperaram a visão.

Do exposto anteriormente, conclui-se que, embora as representações mentais que povoam os sonhos funcionem como uma estimulação visual endógena, composta por memórias resultantes das estimulações sensoriais experimentadas ao longo da experiência ontogenética e do acervo filogenético, tais representações não têm o mesmo peso estimulatório das concretas experiências sensoriais visuais externas. Entretanto, quando se pergunta a um indivíduo vidente - "Quem é você? Ele não somente resume a própria personalidade, caráter, desejos e afetos, como também, na maior parte das vezes privilegia os conceitos oriundos da modalidade visual para se descrever. Por outro lado, é totalmente improvável encontrar alguém que se auto-descreva através de outras modalidades sensoriais diversas da visual. Ninguém descreve a si mesmo através dos ruídos e dos sons que seu corpo emite, muito menos fala a respeito de seus cheiros e sabores. A textura e a temperatura do próprio corpo não servem como referências físicas para a construção do 'Eu'. Na maior parte das vezes, a auto-representação dos indivíduos sensorialmente íntegros é baseada em significantes lingüísticos visuais, de forma muito expressiva (Joffily, in Reimão, 2001).

Gallbach (2000), propõe que as representações oníricas se constroem "via imaginação corpo-ativa", conceito que busca estabelecer a relação da imagem do sonho com os processos corporais" (p.15). Essa abordagem se adéqua perfeitamente ao relato dos cegos a respeito de suas experiências oníricas.

Em suas investigações, Gallbach (2000), da mesma forma que Púrtner (1999), avança a possibilidade das imagens oníricas não serem emitidas unicamente por impressões visuais, mas por modalidades sensoriais corpo-ativas, processos corporais experimentados gerando representações sem imagem: Ação-representação.

#### As primeiras observações da população alvo

No presente trabalho, cuja pesquisa de campo proporcionou um processo de observação direta, análise de procedimentos e ações dos indivíduos selecionados, observou-se que o conteúdo onírico dos indivíduos privados de visão está repleto de situações cotidianas.

Exemplos concretos como de A (27 anos) ilustram de forma coerente que os sonhos dos cegos estão ligados aos próprios atos, aos próprios contextos vividos e, portanto, aos seus processos individuais e coletivos, sendo mais uma alternativa de auto-reconhecimento. Observe o relato: "Eu sempre sonho, sonhei esses dias que estava discutindo muito com minha prima, nós gritávamos uma com a outra e o sol era tão forte, tão quente que EU já não podia suportar!" Frente à pergunta você viu o Sol? Este cego respondeu: "Não. Eu senti sua quentura como fogo em minha pele".

Tal relato exemplifica o caráter tátil de uma representação. É real e interessante constatar como também nos cegos os sonhos auxiliam na distinção Eu/Outro, através dos sons, linguagens e expressões não visuais próprias de cada um.

Ao sentir-se em sonhos entra-se em contato com idéias, sensações, emoções, imagens e situações de toda natureza, imaginadas, sentidas ou vivenciadas onde os indivíduos privados de visão participam como protagonistas ou coadjuvantes.

Para Gallbach, o sonho é:

[...] fruto de um processo involuntário que ocorre no estado de consciência relaxado e não focalizado. Suas raízes se encontram no substrato escuro e desconhecido que, por isso, é chamando inconsciente. Porém o sonho não se caracteriza pela inconsciência total, pois parece ocorrer num estado limiar no qual há um resíduo de consciência de percepção. (2000: 18).

Neste caso, poder-se-ia entender que é este estado limiar de consciência, o sonho, que permite o auto-reconhecimento. Reconhecer-se como um Eu e reconhecer outros como distintos de si mesmo seria uma função do sono paradoxal ou sonho. "O sonho lembrado é um ponto de encontro, uma ligação que promove o contato e a inter-relação da consciência com o seu substrato inconsciente" (Gallbach, 2000: 18).

A descrição contundente do sonho de B (43 anos) evidencia este processo: "Eu sou parte integrante do meu sonho, eu estou em carne viva, em meus sonhos eu sou personagem principal, com tudo eu sonho; Eu só sonho com experiências vividas".

Segundo Joffily (in Reimão, 2001: 407),

É nos sonhos que o caráter metafísico dos conceitos de Eu e de outro torna-se mais evidente. Nestas ocasiões onde a instabilidade formal e motriz do próprio corpo e do contexto no qual ele se insere é facilmente experimentada, o Eu permanece estável. Nesse sentido, a situação onírica é exemplar, o estado de sonho tanto pode ser experimentado pelo Eu que sonha como algo fictício, falso, melhor explicando, o Eu que sonha tanto pode reconhecer-se sonhando, isto é inserido numa circunstância que lhe soe falsa, como pode experimentá-la como algo absolutamente verídico ou real.

As narrativas dos sonhos são uma ilustração viva e ratificam a importância dessa alternativa no âmbito das representações mentais e principalmente da auto-representação. O sonho mobiliza, traz informações vividas ou descaracteriza-as através da imaginação. São verdadeiras histórias regidas por relações de temporalidade: antes/depois, lógica e causalidade comuns à linguagem, à natureza verbal da narrativa. O sonho como unidade dramática tem começo, meio e fim.

O "contexto onírico é um espaço virtual altamente significativo, pois enquanto se sonha, a impressão de realidade é muito forte. Como o desenrolar da trama onírica se dá no tempo presente, é raro sonhar-se planejando fazer algo futuro ou lembrando-se de algo passado. O sonho é ação e sensação. É o que é em tempo real". (Joffily, 2003 - comunicação pessoal).

O relato de C (8 anos) é exemplar: "Era de noite, algum "troço" me mostrava que era de noite. Alguma coisa me fez sentir que era Eu em cima do cavalo (sensação). Às vezes Eu sonho com "troço ruim", às vezes, não. Eu não sei, um dia sonhei com água, muita água, muita onda, muita força de onda... depois foi se acalmando, acalmando...".

Nesse sentido Joffily (2001) afirma que somente ao reconhecer que está sonhando, o sujeito interage com o contexto, personagens, "sua própria noção de Eu onírico e ações sonhadas como entidades falsas, imaginárias" (p. 407).

Do exposto, conclui-se que o espaço onírico sendo um espaço real, é fundamental na construção da auto-representação e da individuação: a contínua ampliação da consciência e da personalidade através da atitude simbólica e da "harmonização do seu centro mais profundo" Gallbach (2002). O sonho é, portanto, não só o testemunho como também o cúmplice e o interlocutor' ativo do movimento da vida e da construção de um Eu.

Dados colhidos na presente pesquisa ratificam o poder modulador, organizador e regularizador do sonho na construção dos conceitos de um Eu e de um outro.

### Dados qualitativos das entrevistas

As primeiras entrevistas a respeito dos indivíduos privados de visão foram feitas em fevereiro de 2002. Três sujeitos pertencentes a mesma classe escolar, variando entre 05 e 06 anos, foram chamados individualmente para responderem a um questionário vinculado aos dois principais temas dessa pesquisa: auto-representação e sonho.

Observou-se pelas respostas dadas por esses sujeitos que na faixa etária de 05/06 anos o tato é o sentido mais usado na interação do sujeito cego com o mundo. A necessidade de segurar e avaliar tatilmente os objetos circundantes é, além de uma necessidade própria da idade, um recurso cognitivo fundamental para atribuir concretude ao mundo externo.

Entretanto por ser a modalidade tátil uma modalidade singular, concreta e seqüencial, o mundo do cego é, principalmente, um mundo particular.

Observou-se que os três sujeitos eram extremamente afetivos e agitados. Enquanto falavam, gritavam, pulavam, mexiam as mãos sem parar, dando a impressão de se comunicarem através do movimento com o ambiente.

Ao longo das entrevistas, ficou evidente a necessidade de se movimentarem. Enquanto falavam, suas mãos tateavam incessantemente a roupa, os braços e o rosto do entrevistador (eu), na tentativa de conseguir mais dados sensoriais para elaborarem uma representação mais precisa daquele indivíduo desconhecido que os abordava com tantas indagações.

Embora cada entrevistado tenha recebido informações a respeito do papel do entrevistador, de suas características pessoais, das causas que o levaram a investigar as reações orgânicas, comportamentais, de linguagem e outros de um determinado grupo, bem como a procedência profissional e os objetivos da pesquisa, constatou-se que durante as entrevistas a voz do entrevistador funcionava como um instrumento desvelador da personalidade de quem fala. Segundo Rousseau (1998); "as vozes são como os olhos decifrando o ser que fala", E continua explicando:

[...] mas assim que sinais vocais atingem vosso ouvido, eles anunciam um ser semelhante a vós; são, por assim dizer, órgãos da alma e vos pintam também a solidão, vos dizem que nela não estais só. Os pássaros silvam, somente o homem canta; e não se pode ouvir nem canto, nem sinfonia, sem dizer imediatamente: um outro ser está aqui. (1998: 64).

Na aula de expressão corporal e dança, evidenciou-se que as crianças cegas exploravam de forma sincronizada o próprio corpo através do som e do ritmo. Observou-se que para elas a música tinha um sentido especial. No capítulo em que descreve a linguagem indireta ou paradigma musical) Rousseau (1998: 63), alerta: "Os sons, porém, anunciam o nascimento; a voz anuncia um ser sensível, somente os corpos animados cantam".

A resposta de uma cega congênita sobre a importância da voz e da audição na captação do mundo e das pessoas vem ao encontro da descrição de Rousseau(1998). Morando sozinha há dez anos ela revela a dependência da voz que escuta pela manhã, no rádio. Segundo a mesma, a primeira música que ouvia ao amanhecer era aquela que a acompanha por todo o dia. A melodia ouvida permanecia em tudo o que fazia: estudos, leituras (em braille). programação de aulas, tarefas domésticas, etc...

Na opinião de Restak (1989):

A visão é a visão, e como pode uma pessoa ter a experiência da visão sem usar os olhos? A possibilidade da visão mediada por outros receptores que não os olhos pode ser menos fantástica por meio de algumas experiências que demonstram a unidade básica existente entre a vista, o som, o tacto (1989: 57).

E continua:

É possível formar uma imagem razoavelmente exata da 'aparência' de algo por meio e de outros modos sensoriais que não a visão [...] no entanto a visão determina o tamanho real dos objetos (1989: 57).

Ratificando a idéia de Restak (id.), propõe-se que indivíduos privados de visão constroem uma representação de si mesmos e das coisas em geral através das demais modalidades sensoriais que compõem esse processo.

Ao ver a própria imagem registrada durante as entrevistas em vídeo, o entrevistador descobriu-se gesticulando e buscando contato visual, enquanto que os entrevistados cegos exploravam tatilmente as próprias mãos ou buscavam contato com o entrevistador ou com objetos próximos. Por outro lado, a movimentação – física dos sujeitos adolescentes e jovens adultos era muito mais pobre tatilmente e menos agitada. Durante as entrevistas, eles mantinham o semblante cabisbaixo, expressão corporal contida, parecendo defender-se.

A pesquisadora interpretou esta atitude como decorrente do pouco conhecimento (interpessoal) e da não proximidade tátil ou relacional com o entrevistador.

### A análise qualitativa das entrevistas

Para definir os sujeitos entrevistados foram necessárias a verificação, análise e seleção dos prontuários organizados e cedidos pelo Instituto São José Operário que por uma questão ética não foram anexados ao presente trabalho.

Os critérios utilizados na seleção dos sujeitos da pesquisa foram os seguintes:

- Sujeitos com cegueira inata/congênita
- Sujeitos com cegueira adquirida até o primeiro ano de vida
- Cegueira com luminosidade
- Sujeitos maiores de cinco anos e em pleno exercício das atividades neurológicas e cognitivas.

A análise das idades cronológicas e dos diagnósticos declarados nos prontuários restringiu o número de sujeitos hábeis. Por sugestão dos membros da comissão examinadora na fase de qualificação, o grupo dos entrevistados foi dividido em dois: um grupo composto pelos cegos congênitos ou com cegueira adquirida até os primeiros anos de vida (seis indivíduos) e um grupo composto por indivíduos com cegueira adquirida após os cinco anos (seis indivíduos). Os últimos possibilitam o estabelecimento de uma análise comparativa a respeito das questões relativas ao sonho e auto-representações.

No primeiro grupo, 1: cegueira congênita, observou-se que as experiências oníricas caracterizadas pela presença de um Eu, um outro e de um contexto estavam sempre presentes na verificação dos sonhos. Fica evidenciado que todos os sujeitos cegos sonham e nos sonhos um personagem reconhecido como um Eu está sempre presente. Não um Eu visual, mas principalmente um Eu sonoro, cuja voz é reconhecida como a própria ou como a voz de um outro Eu. E em menor proporção pelos estados emocionais ou motores experimentados durante o período de vigília, assim como: estar ansioso, ser nervoso, ser agitado, estar brincando, etc.

O contexto onírico nesta situação se constitui portanto num jogo de vozes, movimentos e ocorrências emocionais e sensíveis que identificam lugares, objetos e especificidades da cena. Exemplos como: estar no mar, sentir-se sentado num cavalo, pessoas gritando, afagos, turbulências, críticas, etc.

Os relatos evidenciam que experiências oníricas existem. Estas porém não são facilmente evocadas. Os cegos fazem um enorme esforço para remontar a cena onírica vivida, através de memórias de sons não atuais, mas um ou outro sonho cuja circunstância se arquivou na memória.

Nos quesitos referentes à percepção de si e à percepção do outro sobre os sujeitos entrevistados, observou-se a força que a linguagem do outro exerce sobre o indivíduo cego. Audição e linguagem, o que se ouve e o que se diz tem um valor simbólico muito importante em suas auto-representações.

Ao perguntar sobre partes do corpo agradáveis e apreciáveis, constatou-se novamente que a voz e o corpo interagem significativamente em suas representações. O corpo, as pernas, os braços conotam movimento, ação, sentir-se vivo, útil, sentir o *fora de si* alcançável para que seja o *dentro de si*. A voz/audição, o movimento/ação e a pele/contato são os principais canais perceptivos e auto-perceptivos.

Em resposta às últimas questões que procuram detectar o que o cego mais gostaria de ver, verificou-se que o meio circundante distal: mãe, céu, estrelas, sol etc., bem como as suas manifestações são

os principais objetos de desejo, talvez pelas aquisições lingüísticas/conceituais sobre os mesmos; também a vontade de, se ver vigorou em duas respostas.

Enfim, ao serem perguntados sobre a existência de vantagens ocasionadas pela não-visão, a maioria respondeu não se ter vantagem nem desvantagem, por *ser* um estado normal em suas vidas. Dois sujeitos consideraram vantajoso "não ver guerras, brigas, o desamor e o terrorismo no mundo.

As representações constituídas pelas modalidades auditivas e táteis são as mais representativas nas respostas dos sujeitos privados de visão, bem como na existência dos espaços oníricos possibilitadores dos reconhecimentos Eu/Outro.

O segundo grupo, constituídos por indivíduos com cegueira tardia, que possuíam experiências visuais na infância e adquiriram cegueira após o quinto ano de vida, evidenciaram sonhar e se reconhecerem em sonhos, distinguindo-se não só de outros participantes pela voz, pelos movimentos e estados comportamentais, emocionais, etc, mas também, pela presença de resíduos mnêmicos representacionais visuais em seus sonhos, numa gradação correspondente a perda visual mais ou menos recente. Melhor explicando, alguns mantêm imagens *congeladas* como retratos do tempo em que foram experimentadas através da experiência sensorial visual externa. Em outros com perda visual menos recente, aquelas imagens tornaram-se resíduos visuais nebulosos, disformes, cujas formas não são mais especificidades distintivas de *um ou outro*. Estes últimos assemelham-se aos recursos oníricos dos cegos congênitos, necessitando de dados de outras modalidades sensoriais para efetuarem seus reconhecimentos em cenas fictícias ou não.

Um sujeito descreve o espaço onírico como cinzento, como nuvens ou como condensações disformes, como "massinhas de modelar". Neste caso há perda da imagem visual, a qual não se consegue manter após um período de aproximadamente dez anos de perda visual. Portanto, o reconhecimento de si mesmo seguirá a via sensorial, já citada anteriormente, onde as sensações de frio, calor, pressão, excitação, voz, movimento etc, serão os principais canais de reconhecimento.

Nesse grupo, há uma oscilação na recordação dos sonhos atuais. Metade dos sujeitos contaram sonhos recentes, os outros não se lembravam de sonhos ocorridos no dia da entrevista ou em dias anteriores, e contaram sonhos passados que foram marcantes.

O sonho de J, (27 anos), com perda de visão aos 15, pertencente ao grupo 2, é muito significativo: "Eu consigo ver meu rosto aos treze anos e guardei minha imagem, eu era muito vaidosa... A imagem permanece. Meu marido "aparece", mas sua imagem visual não existe. Eu o reconheço pela voz, pela sensação corporal, mas não o vejo".

O relato de K, (22 anos), perda visual aos 15, é contundente frente questionamentos. Ele diz: "Eu sou sempre Eu, mas não me vejo em sonhos. Eu tenho imagens iguais a minha luminosidade visual. O que eu tenho mais no sonho é pela parte tátil e pelo movimento".

Avaliando-se a percepção de si mesmo e de outros, neste segundo grupo observou-se que a linguagem também impera, como no primeiro grupo. O que se ouve de si, o que se diz, o que o outro emite será fundamental nas orientações psicológicas que o próprio indivíduo seguirá em relação a sua auto-representação, aliando aquelas informações externas as suas próprias percepções.

Em relação às partes do corpo mais importantes e/ou as mais apreciáveis confirmou-se a valorização de partes do corpo geralmente referidas nas narrativas dos outros seres com os quais os cegos convivem: ombros, pernas, cabelos, rosto, etc.

No que se refere ao grau de relevância dos sentidos em suas vidas, a grande maioria do grupo 2 manteve a supremacia do tato e da audição como mediadores imprescindíveis nas experiências vividas. Ora podem alterná-las, colocando a audição em primeiro lugar, pelo uso freqüente da voz e pela percepção das vozes e ruídos dos outros e dos ambientes, ora o tato em segundo lugar, mas ambos permanecem como canais sensoriais essenciais.

Nas questões sobre o que gostaria de ver no caso de ter recobrado a visão, declararam que o meio circundante natural em suas mais variadas manifestações, também são objetos de desejo visual. Essas respostas remetem as questões de linguagem oral e escrita, conceitualizações na exaltação da natureza, como também a alguma experiência visual anterior positiva.

Sobre a vantagem ou desvantagem acarretada pela perda visual, as respostas alternam-se entre uma e outra, pois há um mundo para se reorganizar e reintegrar após a perda visual e um aspecto mais subjetivo, que indica um possível crescimento interior, amadurecimento nas relações humanas, valorização dos sentimentos, etc.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da auto-representação já é, por si só, altamente complexa. Se para nós, videntes, construir uma identidade física e psíquica é um grande desafio, imaginemos, então, os indivíduos privados de visão. Impedidos de experimentarem algumas experiências primordiais e naturais comuns à espécie humana desde o seu nascimento como a visualização do rosto materno, a descoberta da imagem especular, como se produziriam as representações mentais nestes indivíduos? Uma mente composta por imagem sem imagem e auto-representação sem visão, seria possível?

Esta pesquisa busca constatar e reconhecer que os indivíduos privados de visão possuem múltiplas alternativas sensoriais, cognitivas e até mesmo lingüísticas para se auto-perceberem, auto-reconhecerem e, portanto, buscarem uma melhor compreensão de si mesmo, eles podem se considerar capazes de participar socialmente da praticidade e interpessoalidade indissociáveis à vida cotidiana com perspectivas tão desafiadoras e satisfatórias quanto a dos sujeitos sensorialmente íntegros, especificamente os videntes.

A tentativa de abordar a auto-representação sem visão é uma tentativa de clarificar o processo de construção de si mesmo de grupo social que ainda permanece muito à margem dos processos de produção social que ensinam verdadeiramente o produzir produzindo-se, o ser sendo, percebendo-se, fazendo e fazendo-se.

Discute-se muito sobre programas pedagógicos para cegos: como estimular, trabalhar, educar etc., Entretanto, os questionamentos ontologicamente relevantes têm sido relegados a um segundo plano.

Este trabalho percorre os principais caminhos que possibilitam o entendimento dos processos biopsicológicos do cidadão cego. Integrando a neurociência, a psicologia, e a filosofia na reflexão de questões básicas que vão desde a percepção de si mesmo e passam pela construção da realidade até chegar; aos processos oníricos; procura-se detectar o lugar do reconhecimento de um Eu.

Pretende-se que esta pesquisa se amplie através de duas áreas fundamentais: linguagem e sonhos. Na primeira estudando-se o papel das narrativas e da oralidade nos processos psíquicos e cognitivos dos privados de visão. Na segunda, através das representações e narrativas oníricas pretende-se encontrar os pontos de análise da cognição e da linguagem dos cegos.

## BIBLIOGRAFIA:

- ANZIEU, Didier (1989). *O Eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- ASERINSKY, E. e KLEITMAN, N. (1953). Regularly occurring periods of eye motility, and concomitant phenomena during sleep., *Science*, 118: 273-279.
- BRUNER, Jerome (1997). *Atos de significação*. Porto-Alegre: Artes Médicas.
- CONDILLAC, Étienne de (1754/1993). *Tratado das Sensações* Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp.
- DAMASIO, Antônio. (1996). *O Erro de Descartes. Emoção, razão e Cérebro Humano*. São Paulo: Companhia da Letras.
- DEMENT, W. in dir. CAILLOIS, R. e VAN GRUNEMBAUM, G.E. (1978). *Sonho e as Sociedades Humanas*. Rio de Janeiro : Livraria Francisco Alves ed. S.A.
- DEMENT, W. e KLEITMAN, N. (1957). The relation of eye movements during sleep to dream activity: an objective method for the study of dreaming. *Journal of Experimental Psychology*, 53: 339-346.
- DEMENT, W. e WOLPERT, E. (1958). The Relation of eye movements, body motility, and external stimuli to dream content, *Journal of Experimental Psychology*, 55: 543-555.
- FIGUEIRA, M.M. (1996) *Assistência fisioterápica à criança portadora de cegueira congênita*. Revista *Benjamim Constant* n. 5. Rio de Janeiro: IBCENTRO.
- JOFFILY, S. (2001) *O que o espelho revela que o espelho não pode ver?* em *Avanços em Medicina do Sono*. Org. Rubens Reimão. São Paulo: Associação Paulista de Medicina. Zeppelini editorial.
- JOUVET, Michel. Le Rêve em *La Recherche en Neurobiologie*. Paris: Editions du Seuil. Cap. 5. Pgs. 123/164, 1997.
- . *Les châteaux des Songes*. Paris: Odile Jacob. Notas do cap.IV. p.351, 1992.
- . (1960). Nouvelles Recherches sur les structures responsables de la "phase paradoxal" du sommeil. *Journal de Physiologie*, Paris, 52: 130-131.
- JOUVET, M., MICHEL F. e MOUNIER, D. (1960). Analyse eletoencephalographique comparée du sommeil physiologique chez le chat et chez l'homme. *Revue Neurologique*, 108: 189-205.
- KLAUS, Marshal e KLAUS, Phyllis. (1989). *O surpreendente Recém-Nascido*. Porto Alegre: Arte Médicas.
- LÚRIA, Aleksander R. (1999). *A mente e a Memória*. São Paulo: Martins Fontes.
- MARÍAS, Julian. *Introducción a la filosofia*. 3 ed. Espanha: Alianza Editorial, 1985.
- . *Antropologia Metafísica*. Madrid: Alianza Universidad, 1983.
- MARINHO, Irineu.(1982). *Helen Keller – Pensamento, Criatividade, Estética e Ação* -----: Alvorada.
- MECACCI, Luciano. (1987) *Conhecendo o cérebro*. São Paulo: Nobel.
- MONTAGU, Ashley. (1988). *Tocar: O significado humano da pele*. 7 edição. São Paulo: Summus.
- ROUSSEAU, Jean-Jackes. (1998) *Ensaio sobre a origem das línguas*. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp.
- SACKS, Oliver. (1995) *Um antropólogo em Marte. Sete histórias paradoxais*. São Paulo: Companhia das Letras.